

A (re)construção do *ethos* no livro *Getúlio, jacaré ou bagulho?*, de Débora Facchinetti

The (re)construction of ethos in the book Getúlio, aligátor or watchamacallit?, by Débora Facchinetti

David Araújo de Carvalho
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
davidcubas777@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3351-3019>

RESUMO

Este artigo tem como propósito analisar o *ethos* discursivo do personagem que dá nome ao livro *Getúlio, jacaré ou bagulho?*, da autora piauiense, Débora Facchinetti, ilustrado por Viviane Pereira. Busca-se, por meio da análise da fábula, descrever os *vários tons ethóticos* (*ethos* discursivo) do personagem Getúlio (re)construídos por meio do enunciador e da estereotipagem dos enunciatários. Destarte, abordar-se-ão postulados da Análise do Discurso Francesa trabalhados por Maingueneau (1997, 2008, 2011) e Orlandi (2011, 2015). Ademais, será trabalhado o conceito de fábula por ser este o gênero do corpus em análise. Por meio da pesquisa, foi possível descrever que a imagem de Getúlio era reconstruído conforme alternava voz de narrador o enunciatário.

Palavras-chave: *Ethos*. Fábula. Formação discursiva. Estereotipagem.

ABSTRACT

This article aims to analyze the discursive ethos of the character who gives its name to the book *Getúlio, aligátor ou watchamacallit?*, by the author from Piauí, Débora Facchinetti. Through fable analysis, we seek to describe the notions of discursive formation, ethos and discursive memory present in the verses of the work and how the discursive ethos of the character Getúlio is reconstructed through the enunciator and the stereotyping of the enunciators. Thus, postulates from French Discourse Analysis worked by Maingueneau, Orlandi will be addressed. Furthermore, the concept of fable will be worked on as this is the genre of the corpus under analysis.

Keywords: ethos. Fable. Discursive formation. Stereotyping.

INTRODUÇÃO

Assim como a língua, a fábula possui uma dinamicidade, uma relação efetiva no/com o social. A imprecisão de datar sua origem como construto literário não o toma como um gênero de menor importância (atribuição dada em vista de sua origem popular e no âmbito da literatura oral e, posteriormente, quando passa a ser escrita, tomada como ferramenta de transmissão de valores a partir da pedagogia tradicional) como dantes era conhecido, sempre posto à margem de outros gêneros como a poesia, o romance, o teatro, a novela etc. Apresenta, para quem obtém o hábito em lê-la, uma roupagem que não pousa nem no aspecto infantil, tão pouco fica restrito ao público adulto, erudito.

A fábula é um gênero que avança os séculos trazendo releituras e adaptações de grandes escritos como os de Esopo e, ao mesmo tempo, surgem novos autores, como a escritora piauiense, Débora Facchinetti autora da obra *Getúlio, Jacaré ou bagulho*, e ilustrada por Viviane Pereira. Pela proposta e afirmação da autora, o livro está inserido no campo das fábulas. De acordo com Moisés (2006), a obra se enquadra nas narrativas fabulosas, em que os animais recebem atributos humanos e um ensinamento moral.

O trabalho propõe fazer a análise do *ethos* (isto é, as várias imagens que são construídas de/para Getúlio) presente no personagem. Com base nisso, será dissertado uma apresentação dos conceitos que o gênero fábula retém sobre si ao passo que revela sua evolução na história, bem como suas características.

Em momento posterior, abordar-se-ão conceitos chaves da Análise de Discurso Francesa, doravante ADF, que estão associados à construção da imagem de si, conceitos estes como formação discursiva, memória e *ethos*, trabalhados por Maingueneau e Orlandi. Será descrito nesse momento, como o sujeito constrói diversas imagens de si por meio da linguagem, de suas escolhas linguísticas. Propõe-se esclarecer que o *ethos* é construído na e pela linguagem, sendo esta entendida como a língua em movimento, contrariando a versão aristotélica que associa o *ethos* ao caráter do orador.

Em último momento, tem-se a aplicação do repertório teórico na construção do *ethos discursivo*. É válido informar que, a princípio este artigo se refere à (re)construção do *ethos* discurso, portanto, tem-se em discussão que o personagem analisado em questão tem sua

imagem *reconstruída* ao longo dos versos uma vez que o conceito de estereotipagem e *ethos* pré-discursivo ganham terreno diante das informações inscritas na capa, como o título, bem como a voz dos enunciatários que constroem uma imagem de Getúlio, personagem da fábula, e que vai sendo reconstruída pela voz do enunciador.

A obra em análise resgata uma literatura que percorre a fábula erudita, escrita em versos, e transcorre para a musicalidade com suas rimas que oferecem um resgate da literatura regional quanto à caracterização do enredo, personagens, e um resgate à literatura nacional, quanto à temática e a relevância nos dias atuais. Tem-se, portanto, dois objetivos: a primeira, de analisar a reconstrução do *ethos* à luz da ADF; e a segunda, contribuir para os estudos que envolvam o gênero fábula destacando obras, literatura da atualidade, contemporânea e a escrita feminina. Em uma época em que o tecnológico avança cada vez mais e a literatura pós-moderna surge como registro de apagamento histórico, a obra em análise resgata o valor moderno, a identidade da literatura, o registro dos costumes, a dicotomia o lúdico e o real. Tal afirmação é constatada em toda a leitura da obra e análise, visto que seu caráter regional/nacional.

A FÁBULA: CONCEITOS E ORIGEM

A fábula tem seu significado do latim *fari*, em sentido estrito, falar. Diante disso, é possível observar seu significado nos textos de Esopo que eram proclamados em Atenas. Ainda que tenha sido dito para a sociedade ateniense, nunca escreveu um texto, mas perduraram pelos séculos devido à tradição oral.

Além disso, no escopo da língua portuguesa, no dicionário Houaiss (2015), o verbete traz acepções variadas. Fábula em seu primeiro sentido como é tida como curta narrativa que contém uma lição moral, assemelhando-se ao apólogo; em segundo significado traz o sentido de fato inventado, invencionice (isso é pura fábula, mentira, invenção); em terceiro sentido se refere a ideia de custo, valor capital (esse carro custa uma fábula). Nesse intermeio, toma-se o primeiro sentido para a arguição deste artigo.

Em termos gerais, a fábula é uma narrativa curta, que em seu corpo estrutural repousam o enredo e a lição moral. Contudo, o destaque para tal situação é realçado para um

drama, uma situação de inquietação do eu, da narração. Existe uma situação de conflito, de luta entre os discursos. Um jogo e contrajogo presente no corpo do texto, porquanto, isso dará ao texto a sua visibilidade quanto à fábula. Vale dizer, como exemplos, os textos de Esopo: O lobo e o cordeiro, a Raposa e o galo, etc.

Em sua obra, Facchinetti (2022) estabelece esse jogo no embate discursivo feito pelos enunciatários. Desse íterim, tem-se formações discursivas que criam imagens, *ethos* distintos, imagens de *bullying*, protetorado do meio ambiente, de reciclagem. Dessa forma, o discurso presente na obra revela o tom de um ensinamento moral. Não se afirma o discurso moral, mas se revela pelas escolhas linguísticas e as condições de produção que são criados. Segundo a autora, em uma entrevista no Salão do Livro do Piauí (SALIPI):

Quando imaginei Getúlio, pensei em um personagem que, mesmo enfrentando dificuldades, pudesse inspirar as crianças a criarem coragem e amor pela natureza. Ele é um jacaré gentil e sonhador, que acredita em fazer o bem e contribui para o meio ambiente, coletando e reciclando lixo com alegria. Getúlio representa aqueles que, mesmo sofrendo com o preconceito e o bullying, mantêm sua essência e seguem fazendo o bem. Getúlio é o exemplo de como nossa identidade e nossas ações podem superar qualquer coisa. (Facchinetti, 2022a)

Ratifica-se, dessa forma, que a fábula é um gênero literário curto, essencialmente narrativo. Traz consigo uma abordagem que visa refletir a conduta humana por meio de ensinamentos morais de maneira didática. Suas principais características estão em ser um texto curto e possuir, como personagens, animais com características humanas. A prosopopeia/personificação é presente nas fábulas por atribuir aos animais-personagens características humanas como a fala, comportamentos e sentimentos. Contudo, definir ou classificar a fábula não é tão simplista uma vez que muitos leitores, estudantes estendem a fábula para o apólogo e a parábola. Tem-se aí uma discussão que Lacerda (1993) expõe.

dar classificação exata ao gênero literário conhecido como “fábula” é praticamente impossível. Sendo uma das formas de narrativa mais recuadas no tempo, confunde-se com a mitologia, é irmã gêmea do apólogo, aproxima-se do conto popular, introduz-se na região da lenda e do folclore, e acaba por se tornar um pouco de tudo isso. Em sua versão mais pura, se assim se pode dizer, conserva-se, entretanto, uma pequena história, muito simples, na qual as personagens são animais, e cujo remate, invariavelmente, tem intenções moralizantes (Lacerda, 1993, p. 9).

De acordo com Moisés (2006), ao realizar um estudo em seu livro, *A criação literária prosa I*, sobre os personagens de narrativas curtas, o autor expõe os animais sendo restritos da fábula e do apólogo. Aquele, com os animais, e este com os objetos. Tais delimitações expressam a característica presente na fábula: animais com características humanas e que trazem em sua fabulação (narração) um ensinamento moral.

Da mesma forma que os animais o podem ser personagens de ficção, ressalvado o caso dos apólogos ou fábulas e as circunstâncias assinaladas, às crianças é vedado protagonizarem romances. Entendamos o ponto: é óbvio que podem compartilhar da trama narrativa, mas sem exercer a função de figuras centrais. Por outro lado, estamos considerando as crianças como tais, ou seja, criaturas de certa idade e submetidas às restrições que lhe são decorrentes (Moisés, 2006, p. 227).

Quanto à sua origem, a fábula apresenta datas que são dadas como polêmicas por teóricos. Alguns acreditam que os primeiros textos do gênero se remetem à Índia Antiga, por volta do século VI a.C, tendo Pañcatantra sido o primeiro fabulário. No Ocidente, século VI a.C, as fábulas de Esopo, ex-escravo que se destacou na Grécia Antiga, contribuiu com suas histórias em Atenas, deixando muitos dos que o ouviam intrigados com o que queria dizer com histórias curtas e em prosa. Em Roma, Fedro, século I d.C., foi o responsável por torná-las em textos mais desenvolvidos, histórias estilisticamente favorecidas. No século XVII, a fábula, que antes era contada e escrita em prosa, ganha nova forma com versos de La Fontaine (França, século XVII).

Pode-se concluir, pois, que a fábula é um gênero de narrativa curta, popular, tradicional e que visa moldar o comportamento da sociedade por meio de um ensinamento moral em torno de uma inquietação, um drama vivido na narrativa. A obra em análise, além de ser uma narrativa regional que traz aspectos populares do Nordeste, em especial o Piauí, todas as características e estruturas do gênero fábula estão presentes (animais com características humanas, narrativa curta, precisa, ensinamento moral). Getúlio, jacaré ou bagulho é um olhar no passado com o passo no presente. Não é uma tentativa de resgate da literatura do gênero fábula, é a concretização de uma identidade, de uma marca, de uma afirmativa que os gêneros circulam pela sociedade.

O *ETHOS*, MEMÓRIA E FORMAÇÃO DISCURSIVO

Ao se falar em *ethos*, logo se associa a imagem do sujeito. Discussões acerca do conceito de *ethos* são levantadas e trabalhadas desde a Grécia antiga com Aristóteles. O termo trabalhado pelo filósofo grego ganhou destaque por meio da retórica. A inquietação sobre a boa aparência trouxe para o termo o questionamento sobre o que é persuasivo em um discurso. Para Maingueneau (2008), o *ethos* no conceito aristotélico está voltado para persuasão.

Ao escrever sua Retórica, Aristóteles pretende apresentar uma *techné* cujo objetivo não é examinar o que é persuasivo para se ou aquele indivíduo, mas para esse ou aquele tipo de indivíduos (1356 b32-33). A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão mediante a forma com que se constrói o discurso, em dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança. O destinatário deve, assim, atribuir certas propriedades à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo (Maingueneau, 2008, p. 56).

Em síntese, o *ethos* aristotélico se relaciona com a persuasão no ato da linguagem, pois busca esclarecer o que torna persuasivo para tal grupo de indivíduos. Pragmaticamente, Aristóteles desenvolve seu conceito e o envolve naquilo que seria a boa impressão para este ou aquele tipo de auditório, pois seu ato de linguagem, envolvendo a retórica, busca trazer para seu discurso a adesão do auditório. Isso envolve os gestos, as roupas, os adornos, o tom da voz que o orador produz em seu discurso, as palavras que compõem seu repertório na instância enunciativa. Para construir essa boa impressão, Aristóteles destaca três qualidades fundamentais: a *phronesis*, ou prudência, *arete*, ou virtude, e a *eunoia*, ou benevolência.

Conforme Maingueneau, ao dissertar sobre o *ethos* aristotélico:

Para produzir essa imagem positiva de si mesmo, o orador pode jogar com três qualidades fundamentais: a *phronesis*, ou a prudência, a *Arete*, ou a virtude, e a *eunoia*, ou benevolência. Aristóteles as expõe no início do segundo livro da Retórica: “Quanto aos oradores, eles inspiram confiança por três razões; elas são as únicas que, postas de lado as demonstrações, determinam nossa crença: a prudência (*phronesis*), a virtude (*Arete*) e a benevolência (*eunoia*). Se, com efeito, os oradores alteram a verdade do que dizem, quando falam ou aconselham, é por todas essas razões ao mesmo tempo ou por um dentre elas: ou, por imprudência,

não pensam o justo; ou, pensando o justo, calam sua opinião por maldade; ou, embora prudentes e honestos, não são benevolentes; é por essa razão que se pode, conhecendo o melhor partido, não aconselhá-lo (1378 a 6-14) (Maingueneau, 2008, p. 57).

Ainda retomando o *ethos* trabalhado na *Retórica, de Aristóteles*, Maingueneau (2008) esclarece:

O ethos está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do ethos do enunciador mesmo antes que ele fale. Parece necessário estabelecer uma distinção entre o ethos discursivo e o ethos pré-discursivo. Só o primeiro, como vimos, corresponde à definição de Aristóteles (Maingueneau, 2008, p. 60).

Contrariamente ao modelo retórico, Maingueneau (2014, p. 13) destaca que são os traços de caráter que o orador deve revelar em seu discurso para produzir boa imagem, sendo pouco pertinente sua sinceridade.

O conceito evoluiu e fez parte dos estudos discursivos. Ducrot (1984) redefiniu o conceito trabalhado na retórica e deu uma posição de lugar. O autor propõe uma abordagem do *ethos* associada às *instancias da enunciação*. Ducrot (1984) estabelece o lugar do “Locutor-L”, que é apreendido como o enunciador, e o “locutor-lambda”, apreendido como ser do mundo. Diante de seu modelo, é realizada a distinção entre o mostrar e o dizer. De acordo com Maingueneau,

Não se trata de afirmações que o autor pode fazer a respeito de sua pessoa no conteúdo do seu *discurso* – afirmações que, ao contrário, correm risco de chocar o auditório –, mas da aparência que lhe conferem a cadência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha de palavras, dos argumentos... Em minha terminologia, direi que o ethos está associado a L, o locutor como tal. É na medida em que é fonte da enunciação que ele se vê revestido de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou refutável (Ducrot, 1984, p. 201 *apud* Maingueneau, 2014).

Dessa forma, o locutor-L, uma imagem projetada no discurso, veste-se, incorpora elementos da enunciação que o fará ser aceito ou recusado.

Para Maingueneau (2011), o *ethos* surge como uma imagem enunciativa resultante do processo de enunciação que é construído no e pelo discurso. Nesse processo, obtém-se o

termo *tom* por se relacionar tanto para o texto oral quanto escrito. Por meio desse conceito, surge a noção de *fiador*, uma instância subjetiva que vai dando corpo a esse enunciador, são indícios textuais presentes no discurso. Maingueneau (2011, p. 72) estabelece ao fiador um par que relaciona o caráter e uma corporalidade.

Desta forma, o caráter está centrado naquilo em que se estabelecem os traços psicológicos da origem enunciativa. Sendo a corporalidade voltada para o conjunto de representações sociais que passam a ser valorizadas e desvalorizadas, carregadas por marcas estereotípicas pelas quais se apoia a enunciação fazendo o enunciatário incorporar o corpo discurso e atribuir uma imagem ao fiador pelas pistas textuais (Carvalho, 2019, p. 425).

Em *Novas Tendências em Análise do Discurso*, Maingueneau (1997) ressalta que o discurso não pode ser dissociado daquilo que chamamos “voz”. O enunciador traz, para o seu enunciatário, imagens resultantes de ação cognitivas que não podem ser levadas para o ethos, pois sua imagem resulta na construção discursiva, não havendo espaço para ações psicologizantes. Dessa forma, toda imagem construída no discurso parte de efeitos de sentidos causados por esses discursos, isso resulta no lugar que o leitor ocupa, na posição discursiva presente na enunciação.

Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação “psicologizante” e “voluntarista”, de acordo com a qual o enunciador; à semelhança de autor; desempenha o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. De outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade (Maingueneau, 1997, p. 45-46).

Indo além da persuasão, bem tralhada na retórica antiga, Maingueneau (2008) estabelece o *ethos* como parte constitutiva da cena de enunciação. Dessa forma o autor esclarece que qualquer ato de tomar a palavra institui a configuração cultural da enunciação, os papéis impostos a origens discursivas, o lugar e o momento. Ainda, o autor faz surgir conceitos como *cena englobante* sendo ela o tipo de discurso; *cena genérica* volta-se para o gênero; e *cenografia* a própria fala que legitima o dizer. Nas palavras do autor:

A *cena englobante* atribui ao discurso um estatuto pragmático, ela o integra em um tipo de: publicitário, administrativo, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero ou a um subgênero de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável, etc. A cenografia é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente (Maingueneau, 2008, p. 70).

Portanto, dessa forma o autor propõe um modelo em que ligue a noção de *ethos* ao de cena da enunciação, sendo o primeiro termo parte indissociável do segundo.

O *ethos* na linha da análise do discurso, proposto pelo modelo de Maingueneau, envolve uma interação de diversos fatores que resulta na construção do termo. A noção de *ethos pré-discursivo* envolve os saberes que o interlocutor/enunciário (coenunciador, auditório, enunciário, destinatário, leitor) traz do enunciador antes de sua pronúncia. A imagem de um candidato X ao fazer um discurso, o enunciário traz consigo uma memória discursiva que são as formações discursivas presentes na imagem de candidato X. A distinção entre o mostrar e o dizer inscrevem-se entre polos extremos. O *ethos* dito torna-se o sugerido, enquanto o mostrado revela-se na instância enunciativa. A interação entre o *ethos* pré-discursivo, *ethos* dito, *ethos* mostrado resulta na construção do *ethos efetivo* que é o resultado da construção do destinatário.

Figura 2 – Constituição do *ethos*



Fonte: Maingueneau, 2008, p. 71.

Para Motta e Salgado (2014), o *ethos* está relacionado à noção de sujeito. Tendo o sujeito como resultado de seu discurso, de suas formações discursivas, ele só é aquilo que a formação discursiva o permite ser. É na prática do dizer, da enunciação que o sujeito se constrói manifestando imagens de si. Em suma, essa imagem é instituída por um poder dizer e um predizer uma vez que é no interior de seu discurso, o interdiscurso, que faz surgir memória discursiva. O sujeito ocupa um lugar de fala e esse lugar é instituído pela formação discursiva. Compreende-se a formação discursiva como um regulador do que pode e deve ser dito em um discurso.

Podemos ver dessa forma que a formação discursiva consiste em regular o dizer do sujeito a um sistema de regras em que se perpetua pelos já ditos se transforma por meio de seu caráter heterogêneo fazendo surgir à polissemia na formação discursiva, constituindo seu sentido sempre em relação com outras formações discursivas (Carvalho, 2019, p. 9).

Desta forma, Motta e Salgado (2014) relacionam a posição que o sujeito ocupa para legitimar sua fala, para dar credibilidade a sua imagem, não basta ter o dom, o uso da linguagem, reproduzir gírias, mas deve estar legitimado para produzir tal discurso. Em sua análise, a autora expõe traços do *ethos pré – discursivo*, pois revela que na letra de música, *Da ponte pra cá* (Racionais), o personagem assevera que é preciso ser periferia possuir traços que são pertinentes à região ligados a geografia local, a condição econômica e social.

O conceito de formação discursiva foi bem desenvolvido durante o período em que a ADF esteve se desenvolvendo quanto disciplina científica. Para Pêcheux (2009), ao rever as discussões de Althusser em Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado, o autor descreve dois conceitos chave: formação ideológica e formação discursiva. Aquele sendo todos os valores agregados na superestrutura da sociedade, e esse referente à organização, a manutenção discursiva que identifica se tal discurso pertence a esse ou aquele grupo. Segundo Pêcheux (2009, p. 146) “É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente dizem”. Para o autor e fundador da ADF, o sujeito é uma categoria clivada, dividida entre a Ideologia e o Inconsciente.

Formação discursiva é aquilo que pode e deve ser dito em um discurso. Não se observa um político liberal defender estatizações ou expropriações de empresas. Conforme Orlandi (2011, p. 27), “As palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva a outra”.

Orlandi (2011) estabelece um parâmetro para compreensão da formação discursiva e o seu efeito de sentido. De acordo com a autora:

Teoricamente, em termos bastantes gerais, podemos dizer que a produção da linguagem se faz na articulação de dois grandes processos: o parafrástico e o polissêmico. Isto é, de um lado, há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado – a paráfrase – e, do outro, há no texto uma tensão que aponta para o rompimento. Esta é uma manifestação da relação entre o homem e o mundo (a natureza, a sociedade, o outro), manifestação da prática e do referente na linguagem. A polissemia é essa força que é garantido Oe o que tem de se garantir. A polissemia é essa força na linguagem que desloca o mesmo, o garantido, o sedimentado. Essa é a tensão básica do discurso, tensão entre o texto e o contexto histórico-social: o conflito entre o “mesmo” e o “diferente” (Orlandi, 2011, p. 28).

Pode-se observar que a formação discursiva é um regulador diante da enunciação. De acordo com Foucault (2013, p. 37), a linguagem dos sujeitos está restrita pelo nome do qual define *ritual*, é por meio do ritual que os sujeitos são qualificados e distribuídos em um jogo dialógico onde passam a ocupar determinadas posições e a pronunciar enunciados. Para Maigneueau (1997), é no complexo da conceitualização de formação discursiva que surge outro termo inerente a ela, o interdiscurso. Esse seria o discurso do outro, a oposição, o contraste discursivo que faz surgir por meio de marcas linguísticas textuais o outro já produzido, é conceito de *memória discursiva*, não a ação psicológica, mas inscrita no histórico social, em outros textos, formulações que se repetem, se completam e se moldam com a história.

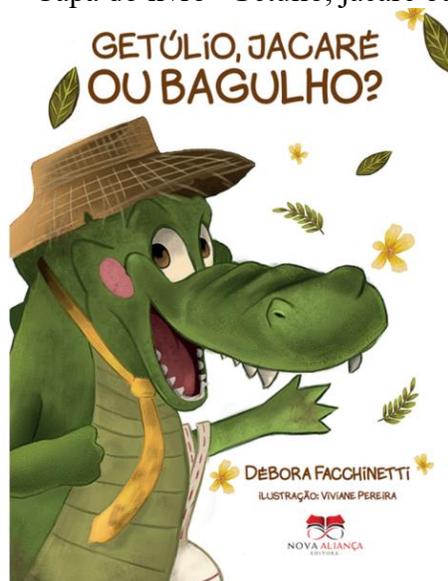
ANÁLISE: A RECONSTRUÇÃO DO *ETHOS* EM GETÚLIO, JACARÉ OU BAGULHO?

Partindo da premissa do que vem a ser o *ethos*, dá-se início com o pressuposto do *ethos* pré-discursivo presente, em primeiro momento, na capa do livro. Por meio dela e do

título faz surgir duas formações discursivas que carregam em si os estereótipos do personagem.

Tem-se, em primeiro momento, que descrever o *corpus*. Getúlio é o personagem que dá nome a obra. O texto retrata a região do rio Poty, em Teresina, capital do Piauí. O livro enquadra-se no escopo de literatura piauiense por retratar aspectos da comunidade local e da fauna. Observa-se o gênero textual presente, a fábula. Com sua característica, o texto é escrito em versos e se caracteriza pelo segundo momento das fábulas à semelhança de La Fontaine.

Figura 3 – Capa do livro “Getúlio, jacaré ou bagulho?”



Fonte: Fachicchinetti (2022).

Por meio da ilustração da capa de Viviane Pereira, é possível observar características humanas presentes no personagem como uso de adornos (chapéu de palha, gravata e bolsa), o uso de prosopopeia é destacado por sua apresentação que traz consigo o *ethos* de *carismático, de gentileza*, alguém receptivo, e acenando com o braço em expressão convidativa para a leitura do livro. Por meio da associação que o leitor traz consigo sobre aspectos do comportamento presente no Nordeste, é possível descrever que pessoas dessa região são reconhecidas por serem calorosas, acolhedoras, receptivas com seus convidados. Diante do título, há uma dúvida quanto à identidade do personagem. Primeiro, tem-se o nome Getúlio ratificando a característica humana. Em segundo momento, observa-se uma

dicotomia que se fará presente em toda a obra: jacaré ou bagulho. Nesse intento, o *ethos* de animal pertencente ao grupo dos reptéis é construído estabelecendo formações discursivas quanto ao personagem. Pelo termo bagulho, surge uma acepção quanto à sujeira, descaso, acúmulo de lixo.

Nos versos a seguir, tem-se o *ethos* dito, aquele que o enunciado diz algo sobre si ou que o enunciador-narrador afirma algo sobre alguém:

Esta história que vou contar
Tenho certeza de que você
Vai se amarrar!
É do Getúlio
Um jacaré mal arrumado
Parecido com bagulho (Facchinetti, 2022b, p. 5).

Nesse trecho, é possível ver marcas textuais produzidas pelo narrador sobre Getúlio. Observa-se o uso das expressões “*Jacaré mal arrumado*” e “*parecido com bagulho*” criando o *ethos* de desajeitado, desleixado. Vale observar que é utilizado o verbo de ligação *parecer* que não afirma ser bagulho, apenas uma situação de possibilidade, tendo o *narratário* que fazer suas conclusões pela expressão convidativa em “*Tenho certeza de que você vai se amarrar.*”

Getúlio não gostava de arrumação
Ele bagunçava tudo
E virava a verdadeira confusão

Na lagoa por onde passava
Só ouvia a bicharada
Cochichando baixinho:
— Getúlio já sujou todo o caminho!

— Eita jacaré sujão!
— Não tem jeito, não!
— Getúlio gosta de bagulho
Não é brincadeira, não!

Dona Sebastiana
Mãe da ariranha,
Não gostou muito disso, não.
Chamou Getúlio e fez uma confusão!

— Por que você é sujão?
Nem parece um jacaré
Parece porcalhão! (Facchinetti, 2022b, p. 7).

Nos versos anteriores, o narrador passa e os enunciatários, personagens da fábula, ratificam a imagem de Getúlio com o *ethos de desorganizado* por meio dos versos “*Getúlio não gostava de arrumação Ele bagunçava tudo E virava a verdadeira confusão*”. Na fala da personagem Sebastiana, observa-se a presença do *ethos* dito, mas que o leitor carrega consigo já na apresentação da capa a presença do *ethos* pré-discursivo. O *ethos* pré-discursiva está inscrito e presente no ato da enunciação. O leitor é conduzido pelo discurso não verbal a construir, em Getúlio, características, imagens de um sujeito sujo, desorganizador, acumulador. Isso é reafirmado pela fala de Dona Sebastiana nos versos “*Dona Sebastiana, Mãe da ariranha, Não gostou muito disso, não. Chamou Getúlio e fez uma confusão!*” (Facchinetti, 2022b, p. 7).

A partir dos versos seguintes, pode-se observar que o *ethos*, a imagem de Getúlio passa a ser reconstruída. O narrador atribui ao personagem a imagem de pacificador, de gentileza, alguém que resolve conflitos, que não gosta de confusão. Tem-se, pois, um *ethos* de conciliador.

Sujo, porcalhão,
Que gostava de bagulho,
Mas não gostava de confusão.

Ele pediu uma reunião
E falou com voz tremendo:
— Bom dia, boa tarde, boa noite!
Não sou político da região,
Mas preciso da vossa atenção!

Sou Getúlio, jacaré
Sou amigo e companheiro
Vivo minha vida
Não sou de encrenca
Nem de bobeira!

Estou aqui de coração aberto
Vim de longe, do rio Poty,
Lá no Piauí.
Passei por muitos lugares
Até chegar aqui!

Tenho meus costumes
Meu modo de ser
Não é justo

Apelidarem-me,
Tentarem me entristecer!

Gosto de andar cheio de treco
Esse e meu jeito.
Pareço bobo,
Mas sou jacaré esperto. (Facchinetti, 2022b, p. 11).

Nas estrofes acima, pode-se observar características humanas presentes em Getúlio, tais características atribuem a ele novas imagens. A enunciação é apresentada por um sujeito que é calmo, tranquilo, um *ethos* de companheiro. Getúlio vai tecer um *ethos dito ao* apresentar-se com a negação “Não sou político da região” (Facchinetti, 2022b, p. 11), é tido o *ethos* de cidadão, aquele que não é político. Na convocatória feita pelo pronome possessivo “vossa” é construída uma imagem de líder, liderança, alguém que exige atenção, que reúne uma equipe, que consegue ter a atenção do enunciatário para tratar de assuntos. Ainda nos versos seguintes, o personagem constrói para si um *ethos* de companheiro e amigo, alguém que não interfere na vida do outro e evita problemas “*Sou Getúlio, jacaré, Sou amigo e companheiro, Vivo minha vida, Não sou de encrenca, Nem de bobeira!*” (Facchinetti, 2022b, p.11). Por meio dos versos, pode-se observar que o *ethos* dito dá corpo a uma imagem de amigável, por meio do *tom* dado pelo enunciador “falou com a voz tremula”, é possível descrever a incorporação de características a um sujeito que evita discussões e apresenta nervosismo, que foge de situações problema.

Ainda nos versos das estrofes destacadas na página onze, observa-se uma imagem de um sujeito ofendido, agredido pelos enunciatários ao serem apelidarem Getúlio. Vê-se também uma imagem, o *ethos* de injustiçado, alguém que é acusado de algo. O estereótipo está presente na formação discursiva dos enunciatários (os personagens que discursam na narrativa) e na memória discursiva (as informações que os enunciatários têm de Getúlio, da capa ao fim da narrativa) que carrega o *ethos* do personagem. Em toda a análise e leitura, são vistas características depreciativas quanto à forma de ser do personagem central. De acordo com Maingueneau (1997, p 115) o discurso é constituído por meio de uma rede de formulação de formações discursivas que se repetem, recusam ou se transformam em outras formulações. Essa memória discursiva não está associada ao saber psicologizantes que o sujeito traz, mas as inscrições discursivas presentes no enunciado, as repetições. Toda a obra traz uma imagem

pré-discursiva que vai se consolidando com o *ethos* dito, afirmações daquilo que é dito no pressuposto, mas se reformula conforme é posto no *ethos* mostrado, aquilo que o discurso apresenta a incorporação, a corporalidade do discurso.

Figura 4 – Getúlio, jacaré ou bagulho?



Fonte: Facchinetti, 2022b, p. 14.

Os animais da região
Pediam-me atenção.
Confiança e admiração
Todos tinham por esse jacarezão

Que não é bobo não!
E esperto e criativo
Corajosos e amigo
Educado e proativo
Inteligente e sincero

Respeitado eu era
Porcalhão eu nunca fui
Defeitos todos têm
Mas sujão?
Eca, esse apelido não!

Ando juntando bagulho
E porque não gosto de poluição
Prefiro até ser chamado de sujo
Mas não cruzarei os braços,
Isso, não!

Vou continuar limpando
Cuidando da natureza

Reciclando, reinventando
Ressurgindo algo novo
E sendo assim... (Facchinetti, 2022b, p. 15).

E possível observar que toda a imagem oferecida no *ethos* pré-discursivo vai-se desconstruindo e dando lugar para o *ethos* dito e mostrado, dessa forma, construindo o *ethos* efetivo, aquele que é produzido na enunciação. Tem-se nos versos das estrofes citadas Facchinetti (2022, p. 15) a negação da imagem de bobo, sujão, porcalhão. O advérbio oferece ao sujeito uma reconstrução da imagem de si por meio do diálogo feito entre os enunciadores. Os aspectos da memória discursiva reproduzidos nas formações discursivas e por meio das ilustrações que o livro traz são desfeitas por meio da enunciação. A roupa rasgada, cheia de furos, a sacola junto ao braço, o chapéu de palha e a sacola plástica preta com lixo recolhido dão lugar ao *ethos* do ativista ambiental, protetor do meio ambiente, alguém que luta contra a poluição da natureza fazendo surgir a formação discursiva da sustentabilidade, de preservação da flora.

O *ethos* de ativista ambiental é construído novamente nos versos abaixo:

*Peço a todos
Que me vejam com outros olhos
Ajudem este amigão
A limpar a nossa região.*

*A natureza agradece
E o getúlio, jacaré ou bagulho?
Voces já sabem o que é:
Jacaré, sim
Bagulho, não!*

*Defendam-me, crianças!
Sou seu amigo
Amigo da natureza
E de toda a nação! (Facchinetti, 2022b, p. 17).*

Por meio dos versos acima, pode-se ver a imagem de um líder, o *ethos* de alguém que possui credibilidade, que não repousa no dizer, mas está também inscrito no fazer. De acordo com Charaudeau (2006) a credibilidade envolve o dizer e o pensar. Motta e Salgado (2014) associam a credibilidade a noção de sujeito e lugar. O sujeito constrói sua imagem, a credibilidade, a partir do lugar que ele está. Pode-se observar que Getúlio faz parte do meio,

está inscrito numa situação enunciativa que permite ter o lugar de fala de alguém que luta pelo meio ambiente, pela conservação da natureza.

Ainda nos versos “*Peço a tosos que me vejam com outros olhos, ajudem esse amigão a limpar a nossa região*” Facchinetti (2022b, p. 17) tem aqui o *ethos* de solidariedade, a imagem de alguém que convoca seus enunciatários para se solidarizarem com a causa do meio ambiente. Por meio de Charaudeau (2006), o *ethos* de solidariedade é caracterizado por uma vontade de união, de estar junto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho possibilitou fazer um resgate histórico comparativo sobre o gênero fábula. Trouxe para o estudo as diferenças quanto as fábulas produzidas em prosa antes da era cristã e sua readaptação para versos, dando a elas um caráter híbrido. Foi possível destacar que a literatura em fábula persiste nos dias de hoje, em plena época tecnológica trazendo novos autores corajosos por ingressar no ramo literário das fábulas quer em versos, quer em prosa. O destaque se dá para a receptividade do livro e da literatura infantil, sendo a fábula um gênero de alcance maior, e de fácil leitura visto sua musicalidade presente nos versos. A autora da obra “*Getúlio, jacaré ou bagulho?*”, Débora Facchinetti, e ilustradora, Viviane Pereira, mostraram, por meio de seus versos e das ilustrações, um resgate da literatura moderna com questões de identidade que restauram a marca do Nordeste com sua fauna e trouxe para a pós-modernidade o alerta de ensinar, reeducar o homem, a educação brasileira para uma política de sustentabilidade lidada por um personagem que sofre por se comprometer com o meio ambiente e a sustentabilidade. Foi possível por meio da Análise do Discurso de linha francesa e as categorias de *ethos*, sujeito, enunciador, formação discursiva e ideológica, memória discursiva estabelecer uma ligação entre o texto literário e a análise linguística.

No viés da análise do discurso, foi possível ratificar que o sujeito está refém submetido aquilo que diz em seu discurso causando adesão ou má reputação diante dos enunciatários. Com o conceito de *ethos* pré-discursivo, é observado como o leitor (narratário) constrói a imagem ou é guiado a construir uma imagem do personagem por meio das

formações discursivas presentes na capa do livro que logo associa a uma literatura infantil, e ao gênero fábula. Foi possível observar que o leitor se deparou com vários Getúlios, um sujeito, coletor de embalagens, e outro gentil, amável, conciliador de conflitos.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CARVALHO, David Araújo de. A construção do ethos discursivo na epístola aos filipenses: uma análise discursiva. *REFLEXUS - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões* v. 13 n. 22 (2019) - *Dossiê: Recepção e análise do discurso religioso*. Disponível em: <<https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/947>>. Acesso em: 05 nov. 2023.

DUCROT, Oswald. Enunciação e ethos na semântica pragmática. In: AMOSSY, Ruth (organizadora). *Imagens de si no discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FACCHINETTI, Débora. *Bate-papo literário no Salipi* - Salão do Livro do Piauí, Teresina, 2022a. Disponível em: <https://salipi.com.br/edicao2025/category/galeria-de-videos/>, Acesso em: 11 set. 2025.

FACCHINETTI, Débora. *Getúlio, jacaré ou bagulho?!* Débora Facchinetti; ilustrações de Viviane Pereira. – 1. Ed. Teresina: Editora e Livraria Nova Aliança, 2022b.

FOUCAULT, Michel, 1926-1986. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23. ed. São Paulo: edições Loyola, 2013.

LACERDA, Nair. *Fábulas do mundo inteiro*. São Paulo: Circuito do Livro, 1993.

PEQUENO dicionário Houaiss da língua portuguesa. Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Melo Franco. – 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2015.

ROSAS, Clarissa. Literatura infantil e o gênero fábula: confluências. **LETRAS EM REVISTA**, [S.l.], v. 10, n. 2, abr. 2020. ISSN 2318-1788. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/222>>. Acesso em: 05 nov. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas de Enunciação*. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza -e- Silva. (orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. O ethos na análise do discurso. *In*: AMOSSY, Ruth (organizadora). *Imagens de si no discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. *In*: MOTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs). *Ethos Discursivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs). *Ethos Discursivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa 1 / Massaud Moisés*. – 20. ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6. ed. Campinas, SP, Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas, SP, Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi *et al.* - 4º ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

Recebido em: 14/11/2023

Aceito em: 01/11/2024

David Araújo de Carvalho: Professor graduado em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí; pós-graduação em Gramática Produção e Revisão Textual pela Faculdade Evangélica do Meio Norte. É professor da rede municipal de Teresina (SEMEC) e coautor dos livros *Um dia com Maria Cecília*; *Gui: o menino vulcão*, em parceria com a professora Ruth de Oliveira Rego.